

# A SINTAXE DA ORDEM NO PORTUGUÊS ARCAICO: O EFEITO V2<sup>1</sup>

Ilza RIBEIRO

**RESUMO** Este texto apresenta um resumo da Tese de Doutorado “A sintaxe da ordem no português arcaico, o efeito V2” que investiga a ordem dos constituintes em quatro documentos do P(ortuguês) A(rcaico), o Foro Real (século XIII), os Diálogos de São Gregório (século XIV), a Crônica de Dom Pedro (século XV) e a Carta de Pero Vaz de Caminha (início do século XVI), procurando mostrar as diferentes condições que licenciam as diferentes ordenações. O capítulo 1 da Tese apresenta o arcabouço teórico para a análise, a versão minimalista da teoria de princípios e parâmetros, e esboça um quadro geral de análises sobre movimento de verbo finito em sentenças raízes e encaixadas. O Capítulo 2 discute questões metodológicas para os estudos de sintaxe diacrônica e a teoria da gramática, e estabelece os procedimentos na seleção dos corpora. O Capítulo 3 apresenta uma descrição detalhada e as frequências de ocorrências das diferentes ordens e o Capítulo 4 define os fatos sintáticos relevantes para a análise do PA como um sistema V2. Apresenta-se, aqui, um resumo de algumas das principais discussões em referência à sintaxe V2 do PA, como discutido nos capítulos 1 e 4 da referida Tese.

**ABSTRACT** This article is a summary of the thesis “Word-order in Old Portuguese: the V2 effect” which deals with constituency order in four documents, Foro Real (13th), Diálogos de São Gragório (14th), Crônica de Dom Pedro (15th) and Carta de Pero Vaz de Caminha (early 16th), and traies to show the various conditions involved in the licensing of each different order. Chapter I presents the theoretical background for analysis, the minimalist program, drawing analysis about finite verb movement in root and embedded clauses. Chapter II centers on methodological issues related to diachronic analysis and the grammar theory, setting down the adopted procedures for the corpora selection. Chapter III describes the corpora extensively providing quantitative data on the various orders and chapter IV assumes the syntactic facts as relevant for an analysis of PA as a V2 system. Summing up, a short version of the main issues relating to Old Portuguese as a V2 system as discussed in the original work is provided.

---

<sup>1</sup> Texto resultante da Tese de Doutoramento com o mesmo título apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp, no dia 10 de fevereiro de 1995, sob a orientação da Profa. Dra. Charlotte Chamberland Galves

## 1. O FENÔMENO V2 E O MOVIMENTO DE VERBO

Os estudos da sintaxe V2 estão interessados, fundamentalmente, no fenômeno da colocação do v(erbo) f(inito) em segunda posição, nas sentenças raízes, característico das línguas germânicas modernas, exceto o inglês. As estruturas V2 apresentam uma ordenação de constituintes do tipo XV(S), em que o constituinte X pode ser um complemento, um adjunto ou mesmo o sujeito. Nos seguintes exemplos do alemão (exemplos de Roberts 1992:5/6):

- (1) Diesen Roman habe ich schon letztes Jahr gelesen  
Este livro tinha eu já no último ano lido
- (2) Du weisst wohl, daß ich schon letztes Jahr diesen Roman gelesen habe  
Você sabe bem, que eu já no último ano este livro lido tinha

observa-se na sentença raiz em (1) que o OD ocupa a primeira posição e o V[+f] aparece na segunda, estando o particípio em posição final. Na sentença encaixada em (2), todos os verbos aparecem em posição final, ficando o V[+f] em última posição.

Em geral, os efeitos V2 são analisados em termos de duas regras de movimento, como representado em (3) abaixo:

- (3) [<sub>CP</sub> Diesen Romani [<sub>C</sub> [<sub>C</sub> las<sub>j</sub> ] [<sub>IP</sub> ich schon letztes Jahr t<sub>i</sub> t<sub>j</sub> ]]]

Uma regra move o V[+f] las para o núcleo C; uma outra move algum constituinte X para Spec/C'.

A assimetria raiz/encaixada, ilustrada com os dados em (1) e (2), motiva análises propondo que o V[+f] nas sentenças raízes ocupa a mesma posição que o complementador ocupa nas sentenças encaixadas e, assim, ocorrem em distribuição complementar.

Portanto, a indagação da pesquisa centra-se na caracterização do PA quanto ao fenômeno V2, na tentativa de se oferecer uma possível explicação para a natureza sintática das estruturas V2, procurando definir o local de pouso e o elemento desencadeador do movimento do V[+f] nessa fase da língua.

## 2. ASPECTOS DA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS ARCAICO

A proposta teórica elaborada procura explicar fatos lingüísticos relacionados com o movimento sistemático do V[+f] para o núcleo C. Tenta-se dar um tratamento unificado da interação entre o fenômeno V2 e certas propriedades sintáticas que caracterizam o PA. A estrutura proposta admite as seguintes projeções funcionais.

- (4) [TOPP [CP [AGRcP [FP [AGRsP [TP [AGRoP [VP ]]]]]]]]]

Assume-se que os traços dos núcleos dessas categorias funcionais, com exceção de F e AGRc, são V-relacionados e que, sendo traços-V fortes, devem ser checados na sintaxe evidente, ou seja, antes da operação de *spell out* para a forma fonética. Assim, no seu caminho para C, o V[+f] deve passar por AGRo, por T e por AGRs para checar os traços-φ. O V não passa por F nem por AGRc por não haver traços-V a serem checados nessas posições. AGRc é o núcleo funcional que hospeda os clíticos; FP é uma posição funcional não V-relacionada que pode hospedar elementos enfáticos nos domínios encaixados. Os constituintes Xs topicalizados podem se alojar em Spec/TOP' ou Spec/C' ou Spec/F', a escolha de uma dessas posições apresentando reflexos na colocação dos clíticos nas sentenças.

## 2.1. Os efeitos V2 nas sentenças raízes do português arcaico

São, sobretudo, construções com a ordem X V (S) as que melhor ilustram os efeitos da sintaxe V2:

- (5) a) [<sub>CP</sub> Com tanta pazeença<sub>i</sub> [<sub>C</sub> sofria<sub>i</sub> [<sub>AGRSP</sub> ela <sub>t<sub>i</sub></sub> esta enfermidade <sub>t<sub>j</sub></sub> ]]] (DSG 4.13.13)  
 b) Com estas e outras taaes rrazoões arrefeço el-rrei de sua brava sanha (CDP.7.62-63)  
 c) E estes dizimos quis Nostro Senhur pera as eygreyas fazer (FR.1.5.75r-75v)  
 d) e tan gram ferida lhi deu con elas na cabeça e no rostro (DSG 1.5.6)  
 e) Ora ás tu teu aver que demandasti (DSG.1.19.15)  
 f) Ben sei eu ainda algũa cousa deste santo homen (DSG.1.31.43)  
 g) Muito<sub>i</sub> fezisti [ <sub>t<sub>i</sub></sub> boa demanda ], Pedro (DSG.1.10.11)  
 h) Todo<sub>i</sub> he verdade [ <sub>t<sub>i</sub></sub> quanto dizes ] (DSG.1.8.58)

Essas construções mostram que o sujeito não é o constituinte privilegiado para ocupar a posição pré-verbal. Os exemplos em (c/d) ilustram a ordem em que ODs ocupam a primeira posição; ADVs e PPs são os constituintes iniciais nos exemplos em (a/b/e/f); os quantificadores muito e todo são os constituintes Xs iniciais nos exemplos em (g/h), deixando os elementos que eles quantificam em uma posição interna a AGRsP.

Como sujeitos pronominais pós-verbais devem estar em Spec/AGRs' (Vance 1989), então admite-se que os sujeitos realizados em posição pós-verbal nos exemplos em (5) estão em Spec/AGRs'. A mesma análise se estende para os exemplos em (d/g), com o sujeito nulo pro em Spec/AGRs', onde pode ser formal e funcionalmente identificado (Rizzi 1986, Roberts 1992). Desse modo, construções desse tipo podem ser analisadas como resultantes de movimento do constituinte X inicial para Spec/C' e do V[+f] para C, como representado em (5a).

Evidência positiva de que o sujeito pós-verbal não permanece no VP pode ser derivada de exemplos como:

- (6) a) ca pela arte do encantamento saiu [ hũũ enmiigo<sub>i</sub> [ do seu corpo [ <sub>t<sub>i</sub></sub> que a atormentava ]]] (DSG.1.24.21)

b) Hũũ nobre homen<sub>i</sub> morava em aquel logar, [ t<sub>i</sub> que avia nome Fortunado] (DSG.1.27.2)

c) Padre, [<sub>CP</sub> aqueste por que me tu rogas<sub>i</sub> vejo [<sub>AGRSP</sub> eu t<sub>v</sub>  
[<sub>CP</sub> que [<sub>AGRSP</sub> t<sub>i</sub> non he monge ]]]] (DSG.1.5.62)

d) E estes<sub>i</sub> dizia [el-rrei [ que pro mandava matar t<sub>i</sub> porque forom da parte da rainha dona Branca]] (CDP.20.83-84)

Estando, em (6a/b), as sentenças relativas de sujeito dentro do VP, os sujeitos hũũ enniigo e Hũũ nobre homen estão numa posição hierarquicamente mais alta. Em (6a), o sujeito está alojado em Spec/AGRs' e o PP pela arte do encantamento está em Spec/C'; em (6b), por outro lado, o sujeito Hũũ nobre homen está alojado em Spec/C', realizando a estrutura V2. Em (6c) e (6e), o DP-sujeito e o DP-objeto das sentenças encaixadas, respectivamente, foram alçados para o início da sentença raiz. A inversão sujeito-verbo, nestes exemplos, resulta de movimento do verbo para C. Dadas as semelhanças entre as construções em (6c/d) e as em (5), conclui-se que todas envolvem movimento de um constituinte para Spec/C' e do verbo para C.

### 2.1.1 Tópico-V2, Foco-V2 e TOPICALIZAÇÃO

As construções com deslocamento de OD permitem identificar dois diferentes tipos de estruturas XV, as de tópico/foco-V2 e as de TOP externo a CP<sup>2</sup>.

A interpretação de foco de advérbios/quantificadores fronteados, como bem, muito (cf. (5g/h)) é direta, pois esses elementos são marcadores de foco da sentença. Contudo, o fronteamento de um OD nem sempre implica em uma focalização, como ilustrado abaixo:

- (7) a) E esta virtude de paaeença ouve este santo monge (DSG.1.5.5)  
b) e tall hordenança tiinha em esto que nẽhũ era deteudo em sua casa, por cousa que lhe rrequeresse (CDP.1.33-35)  
c) E esto lho fazia ele pera lho agalardoar Deus por cujo amor lhe el fazia (DSG.1.22.7)

Em (7), os ODs não representam informação nova. É comum o OD fronteado ser introduzido por um demonstrativo ou por um determinante com valor de demonstrativo (como tall em (7b)). Isto sugere que o OD é, na realidade, topicalizado para Spec/C'.

A focalização de um OD para Spec/C' também é possível, como em:

- (8) a) Unha verdade vos direi (CD.309) (Huber, 1933:285)

---

<sup>2</sup> O uso dos termos “topicalização/fronteamento”, em minúsculas e sem adjetivação, cobre qualquer tipo de movimento de frontalização de constituintes, sem preocupação com a posição sintática envolvida na operação. Optou-se por usar o termo “TOP/TÓPICO” (em maiúsculas) para a topicalização de constituintes para uma posição externa a CP, “V2/topicalização V2” para os movimentos de constituintes para Spec/CP e manteve-se “fronteamento estilístico” para um tipo de topicalização característico de sentenças encaixadas.

b) Huma punhada grande te darey (CV.14) (Huber, 1933:285)

A existência de construções como as em (7) e (8) indica que os constituintes iniciais das construções com a ordem V2 podem ser tópicos ou focos.

Construções de TÓPICO marcado, com deslocamento à esquerda clítica, constituem outro processo de fronteamto de OD:

- (9) a) e as leys que el-rey lis der metanas eneste liuvro (FR.1.7.77v)
- b) os ospedes asentarãnos em senhas cadeiras (CPVC.F10v.12-13)
- c) e as taalhas en que mui pouquetiño de viño deitara, achô-as todas cheas de viho (DSG.1.17.17)

Nesse tipo de construção, o OD deslocado é sempre retomado por um pronome clítico, diferentemente do que ocorre nas construções em (7) e (8). Considera-se que essas construções só são V2 no sentido técnico do termo, a saber, são construções em que o V[+f] está em C, desde que os elementos Xs que antecedem o V[+f] estão em Spec/TOP'.

Identificam-se, pois, três processos de fronteamto do OD: tópico-V2, foco-V2 e TÓPICO marcado. O padrão de colocação dos clíticos mostra o comportamento sintático semelhante do tópico-V2 e do foco-V2, ao mesmo tempo em que os distingue da construção de TOP marcado: nos dois primeiros, quando ocorre um clítico, a ordem CL V é o padrão (cf. exemplos (7c) e (8a/b)); no último, o clítico acusativo é obrigatório e a ordem V CL se realiza (cf. exemplos em (9)).

### 2.1.2 As construções V>2

Nestes quatro documentos do PA, as construções V>2 estão presentes, embora suas porcentagens sejam relativamente baixas. Nos seguintes exemplos, TÓPICO marcado coocorre com topicalização-V2:

- (10) a) Aqueste des sa meninice sempre fez mui grande asteença (DSG.1.2.4)
- b) E o coração de cada hũũ prelado, polos cuidados muitos que ha, ca non cuida en hũa cousa soo, ligeiramente se pode embargar (DSG.1.8.55)
- c) El-rrei de Castella, enquanto mandou a Aragom o rrecado que avees ouvido, ante que a rreposta de lá vehesse, com desejo de tomar vingança mandou a pressa armar sete galees e seis naaos (CDP.19.3-6)

Em (10a/b), sempre e ligeiramente, respectivamente, estão focalizados em Spec/C'. Em (10c), o PP com desejo de tomar vingança também parece estar focalizado em Spec/C'. Os elementos que antecedem esses constituintes estão em posição externa a CP, a saber, TOPP.

Em geral, os estudos sobre V2 argumentam que línguas V2 rejeitam construções V>2, embora esse tipo de construção não esteja totalmente ausente, como ilustram os exemplos abaixo, do alemão moderno e do francês antigo:

(11) a) Diese Frau, mit der muss ich sprechen (Adams, 1987:107)  
esta mulher, com ela devo eu falar

b) De cele amor, Dieu me garde (Chast. 91)  
Deste amor, Deus me guarde

Adams 1987 diz que os constituintes Diese Frau e De cele amor dos exemplos acima funcionam como modificadores da sentença e não contam para o V2, por estarem fora da estrutura clausal. Apesar de não interferirem com a propriedade V2, construções desse tipo não são frequentes nessas línguas.

Contudo, a Tabela II do estudo de Jansen 1980 sobre deslocadas à esquerda no holandês moderno mostra que é alta a frequência de construções V>2 em língua falada:

Tabela II de Jansen (1980:142)

type of LD-element	Complex NP	Dependent Clause	NP	PP	Adverb	Pronoun
non-left-dislocated	65	155	682	440	666	10,000>
left-dislocated	55	84	140	83	18	1
% of LD	46%	35%	20%	16%	3%	0%

Desse modo, dizer que sistemas V2 não admitem construções V>2 e que a frequência de uso dessas construções é muito baixa parece ser uma restrição muito forte quando se observa os números na Tabela II. Conclui-se que as ocorrências raras em textos escritos podem ser derivadas mais de questões de estilos de língua escrita/língua falada que de restrições gramaticais.

## 2.2 As construções V1 declarativas

No PA, as construções declarativas V1 são as mais frequentes. Alguns exemplos são dados abaixo, em domínios raízes e encaixados:

(12) a) Quero que mh'ó digas e desejo mui de coraçõn a saber (DSG.1.14.12)

b) necessario he que contemos primeiro como sse começou sua desaveença e de que guisa se el partio do rreino (CDP.17.6-8)

É bem conhecido o fato de que línguas V2 só admitem construções V1 em contextos de interrogativas S/N, imperativas, condicionais e as V1 narrativas. Em geral, as propostas de licenciamento dessas construções assumem a existência de um Op(erador) nulo em Spec/C'. Assim, o movimento de V[+] para C é derivado dos

mesmos mecanismos das construções V2: o V[+f] e o Op nulo estabelecem uma relação de concordância Spec/núcleo em CP.

No grupo germânico, o islandês e o iídiche admitem a ordem V1 declarativa, mas só em domínios raízes. No francês antigo, declarativa V1 não é atestada. Nesse aspecto, o PA se distingue desses sistemas V2 por permitir declarativa V1 em qualquer tipo de sentença. Acredita-se que a variação observada no licenciamento de declarativas V1 nesses três sistemas (e talvez nas línguas germânicas V2 em geral) pode ser derivada não da propriedade V2 em si mesma, mas dos requerimentos de licenciamento do sujeito nulo. Desse ponto de vista, a (im)possibilidade de declarativas V1 pode ser explicada considerando-se que o PA é um sistema *prodrop*, licenciando sujeito nulo referencial ou expletivo e não dispondo de sujeito pronominal expletivo lexicalizado. O islandês é um sistema *semi-prodrop*, só licenciando sujeito nulo expletivo; o francês antigo é um sistema *prodrop* muito peculiar, apresentando restrições sobre as possibilidades de licenciamento de sujeito nulo; além do que ambos têm um expletivo lexical, *það* e *il*, respectivamente. A existência de um pronome sujeito expletivo lexicalizado já é um indício de que o licenciamento de *pro* se submete a determinadas restrições, o que pode estar na base das restrições sobre construções V1.

### 3. O PADRÃO DE COLOCAÇÃO DOS CLÍTICOS NO PORTUGUÊS ARCAICO

#### 3.1. AGRc como uma posição para clíticos

Como hipótese de trabalho, assume-se a existência de um núcleo funcional autônomo nas sentenças finitas, distinto de C e de AGRs, e que parece ser uma posição para clíticos. Considera-se que as estruturas com interposição, do tipo:

- (13) a) Esto, Pedro, que ti eu ora quero contar, (DSG.1.9.7)  
b) o rogo que lh' o cavaleiro tan aficadamente fazia (DSG.1.27.7)  
c) pela graça que lhi Deus ante dera (DSG.1.7.16)

oferecem motivação empírica forte para a proposta da existência de um núcleo funcional adicional para hospedar o clítico nas sentenças do PA, independente do núcleo relacionado com a morfologia verbal. Sendo adjunção à esquerda ou substituição as únicas estratégias de posicionamento válidas para clíticos, mas não adjunção à direita (Kayne 1990), os clíticos precedendo os sujeitos eu, o cavaleiro e Deus não podem estar adjungidos a C. Eles devem estar locados em uma posição mais alta que AGRs e mais baixa que C, a posição funcional AGRc.

Considera-se AGRc uma posição em que são especificados traços relacionados com Op. Rizzi 1990 assume, dado o princípio de *Full Interpretation*, que cada ocorrência de um traço substantivo deve ser licenciada. A seleção é o mecanismo utilizado no licenciamento de traços +Wh no núcleo C encaixado de completivas+Wh. Nas sentenças raízes, por outro lado, seleção não pode ser o mecanismo operante. Rizzi 1990 diz,

então, que “we need some position or specification which is independently licensed and from which the chain of licensings can start, otherwise no syntactic structure would be possible” (p. 378). Na proposta dele, essa posição é o INFL das sentenças raízes.

No entanto, propõe-se que existe variação paramétrica quanto à posição INFL na qual a cadeia de licenciamento começa: em AGRc nas línguas V2 e em AGRs nas línguas não-V2. Essa hipótese permite se manter uma coerência na distinção entre sistemas V2 e sistemas não-V2. Se sistemas V2 se caracterizam por apresentarem traços morfológicos fortes associados ao sistema CP, espera-se que, nos processos sintáticos dependentes das propriedades de um núcleo funcional tipo-INFL, seja AGRc o núcleo em questão, e não AGRs.

Assumindo-se que o núcleo C do PA é especificado para traços-V, a representação das projeções CP e AGRcP é esquematicamente a seguinte:

(14) [CP [C' [C] [ AGRcP [AGRc ]]]]  
       [+V]        [+oper]

Podem estar locados em AGRc os traços de Op +Wh, +Neg, +foco, +tópico, e, possivelmente, o traço [+específico]<sup>3</sup> associado ao clítico. Assim sendo, o movimento do clítico para AGRc é em proveito próprio, por o clítico ser dotado de um traço que precisa ser checado em AGRc. Esta análise assume a hipótese de Kayne 1990 de que clíticos pronominais se movem para o núcleo flexional mais alto na sentença, neste caso, AGRc. Nos sistemas não-V2, AGRs será o local de especificação de traços relacionados com Op e também o local de pouso do clítico.

Desde que Spec/C' é a posição específica para movimento de Op na sintaxe explícita, os Critérios de licenciamento de Op determinam que um Op em Spec/C' deve estar numa relação Spec/núcleo com um núcleo carregando o mesmo tipo de traço. Para satisfazer essa relação, o Op com o traço apropriado desloca-se para o domínio de checagem do núcleo C. Essa checagem é feita pela intermediação de AGRc: o núcleo AGRc especificado com o traço relacionado com o Op se desloca para C para checar os traços do Op em Spec/C'.

A explicação para o movimento sistemático do V[+f] para C nos sistemas V2 considera que a especificação de Tempo deve c-comandar todas as projeções flexionais (Laka 1991). Desse modo, nos sistemas V2, para que Tempo domine todas as projeções flexionais, o V[+f] deve se mover para C; só nesta posição o V[+f] pode dominar AGRc. Nos sistemas não-V2, por outro lado, AGRc não está presente. Assim, a incorporação do V[+f] em AGRs é suficiente para satisfazer esse requerimento. O movimento de V[+f] para C, nos sistemas não-V2, nas construções em que um Op está em Spec/C', é motivado por a cadeia de licenciamentos dos domínios raízes estar ancorada em AGRs. Assim, AGRs se desloca para C, levando consigo o V[+f].

Em resumo, propõe-se que a Gramática Universal permite duas posições potenciais para clíticos nas línguas humanas, AGRs e AGRc. A realização de uma dessas opções é uma seleção paramétrica. Considera-se as construções com ênclise em sentenças raízes finitas evidências positivas para a seleção de AGRc como uma posição



morfologicamente forte no sistema e, portanto, a posição INFL mais alta que “atrai” o clítico. Por outro lado, a ocorrência de sentenças raízes com CL em primeira posição é suficiente para desencadear o valor negativo do parâmetro morfológico de AGRc.

### 3.2. Ênclise e Próclise no PA: uma proposta de análise

Tenta-se, portanto, relacionar a ordem V CL com o efeito V2. Nesta análise, o clítico está sempre em AGRc e o verbo se move para C independentemente do clítico. A diferença entre ênclise e próclise está em se algum constituinte ocupa Spec/C' ou não: ênclise resulta do movimento do verbo para C, enquanto o clítico permanece em AGRc; a próclise surge se AGRc se move para C. O movimento de AGRc para C é desencadeado pela checagem dos traços de Op de um constituinte em Spec/C'.

#### 3.2.1. Os clíticos nas interrogativas-Wh

Nas interrogativas-Wh raízes, a ordem CL V é sempre encontrada:

- (15) a) Hu te queres ir? (DSG.1.5.10)  
 b) Quem vos foi aqui trager? (CD.1428) (Huber,1986:179)

Este padrão de posicionamento do clítico é observado nas sentenças-Wh raízes quer de sistemas-V2, quer de não-V2.

O Critério+Wh (Rizzi 1991:2) especifica que um Op+Wh deve estar numa relação Spec/núcleo com um núcleo+Wh, e vice-versa. A concordância Spec/núcleo só se estabelece depois que a posição INFL dotada do traço+Wh se desloca para o núcleo C. Nos sistemas V2, AGRc é a posição INFL em que a cadeia de especificação é ancorada nas sentenças raízes, e, nos sistemas não-V2, a cadeia de licenciamento começa em AGRs. Assim, a ordem Wh CL V é derivada diferentemente para os sistemas V2 e não-V2: naqueles, a ordem surge porque AGRc se desloca para C para checar o traço+Wh do constituinte em Spec/C', levando consigo o CL; nestes, é AGRs que se desloca para C, levando consigo o CL e o verbo. As duas configurações são como:

- (16) [CP QU [C' [C [AGRc [ CL AGRc ]] [C [ AGRs [T [ V-T ]] AGRs ] [C ]]]  
 [AGRp ...]]]  
 (17) [CP QU [C' [C [AGRs [ CL ] [AGRs [ T [ V-T ]] [ AGRs ]]]] [C ]] [ AGRsP...]]]

Portanto, em (16) a ordem CL V resulta da adjunção a C do núcleo AGRc que hospeda o CL; o movimento do V[+f] para C é independente do movimento de AGRc para C. Por outro lado, em (17), a ordem CL V resulta do movimento do complexo em AGRs [=CL-V-T-AGRs] para C.

### 3.2.2. Os clíticos nas declarativas V2 e nas de TÓPICO

Os dois padrões de ordenação linear de constituintes, X+clítico+V e X+V+clítico, das sentenças declarativas no PA, estão exemplificados abaixo:

- (18) a) e eu ch' o darei (DSG.1.5.47)  
b) e el perdoou-lhe (CDP.17.88)  
c) E quando el non estava presente, achegou-se o senhor bispo a arca (DSG.1.19.5)  
d) E quando chegaram ao rio, tan agñha o passaram (DSG.1.2.46)

A existência de duas posições para fronteamentos de constituintes nos domínios raízes permite explicar a alternância em (18)<sup>3</sup>. O V[+f] está sempre em C para verificação dos traços-V; a adjunção de AGRc a C só ocorre se o constituinte frontado ocupa Spec/C'. A ênclise se realiza nas construções em que os constituintes antecedendo o verbo estão fora do domínio CP, desde que AGRc não se desloca para C neste tipo de construção. Por outro lado, nos exemplos com próclise, os constituintes eu e tan agñha ocupam Spec/C' e, desse modo, AGRc se desloca para C para checar seus traços-N. As duas representações para esses dois tipos de construção são:

(19) a) ênclise [<sub>TOPP</sub> YP [<sub>CP</sub> --- [<sub>C'</sub> V ] [<sub>AGRcP</sub> CL [<sub>AGRSP</sub> Suj. t<sub>v</sub> .....]]]] (exemplos b/c)

b) próclise [<sub>TOPP</sub> (YP) [<sub>CP</sub> X [<sub>C'</sub> CL- V ] [<sub>AGRcP</sub> t<sub>CL</sub> [<sub>AGRSP</sub> Suj. t<sub>v</sub>.....]]]] (exemplos a/d)

### 3.2.3 Os clíticos nas construções V1

O PA é um sistema que observa a restrição Tobler-Mussafia, sendo a ordem V CL obrigatória nas sentenças raízes V1, como em:

- (20) a) Rogo-te por aquel a que tu vaas que (DSG.1.16.15)  
b) foramse la todos (CPVC.F9.6)  
c) Ai, Santo Equicio, praz-ti que nos façan tanto mal...? (DSG.1.9.10)

A proposta de um núcleo funcional AGRc para hospedar o clítico oferece uma análise direta para a ênclise nas construções V1, desde que, se nada antecede o verbo, essa é a ordem esperada: Em termos da análise que se propõe, esses exemplos têm a seguinte estrutura:

(21) [<sub>CP</sub> [<sub>C'</sub> [<sub>C</sub> V-C ] [<sub>AGRcP</sub> [<sub>AGRc</sub> CL-AGRc ] ... ]]]

<sup>3</sup> Concorde-se, assim, com a análise de Benincà 1995 e de Salvi 1990 em que o estatuto dos constituintes que antecedem o V[+f] condiciona a colocação do pronome complemento. Contudo, discorda-se deles quanto aos mecanismos sintáticos operantes nesses tipos de construções, desde que se assume uma posição para clítico independente da posição relacionada com a morfologia verbal.

em que o V se move para C, e o CL está adjungido a AGRc; AGRc não precisa se mover para C e, por questões de economia, não se move. Nesta análise, portanto, a ênclise é característica de sistemas em que AGRc é a posição para clíticos. Nos sistemas lingüísticos em que os clíticos se hospedam em AGRs, ênclise (a formas verbais finitas) não ocorre.

#### 4. O EFEITO V2 NAS SENTENÇAS ENCAIXADAS

O fronteamto-V2 de elementos do predicado para o início da sentença, em domínios encaixados do PA, está ilustrado abaixo:

- (22) a) disse' el que aqueles juizos de Deus pronunciara ele que saíram ja da sa boca (DSG.2.16.40)  
 b) dizendo que.. e que melhor sabia ell quem ella era que ell (CDP.9.17-18)  
 c) ...dizer que mais teendes juntas de vinte mil dobras (CDP.13.30-32)

Em (22a), o OD deslocado aqueles juizos de Deus é parte de um DP complexo, formado de DP + relativa. Observa-se que a relativa que saíram ja da sa boca permanece abaixo de AGRsP, estando o sujeito posicionado entre o verbo e a relativa. Em (22c), só o quantificador mais do DP sujeito da mini-oracão mais de vinte mil dobras é topicalizado. A construção em (22c) resulta também de movimento do elemento adverbial melhor, estando o sujeito em Spec/AGRs'. Conseqüentemente, as construções XV(S) em (22) permitem dizer que o V[+f] pode estar em C, mesmo nas completivas.

A análise proposta assume uma estrutura com duplo CP:

- (23) [ V<sub>PONTE</sub> [CP<sub>1</sub> [C' [C<sub>1</sub> que ] [CP<sub>2</sub> (X) [C' [C<sub>2</sub> V ] [ ... ]]]]]]

como uma propriedade dos V-ponte, que selecionam uma completiva cujo núcleo C selecionado pelo V<sub>ponte</sub> da sentença raiz pode selecionar um outro núcleo C, disponível para hospedar o verbo. Essa análise permite manter a caracterização de V2 como fenômeno típico de sentenças raízes.

Contudo, outros tipos de encaixadas também permitem a ordem XVS:

- (24) a) E se ante das feyras for o preyto começado (FR.2.5.90v)  
 b) porque ata aqui contei eu os feitos groriosos (DSG.3.1.2)  
 c) de guisa que n' aquell dia ou no outro seguinte eram as partes desembargadas (CDP.4.15-16)

Embora não seja tão freqüente nos *corpora*, essa ordem é recorrente em diferentes documentos do PA.

Além disso, a ordem XV, sem sujeito realizado, é muito freqüente no PA:

- (25) a) pero sabe Deus que morto he (DSG.1.18.12)  
 b) quando aqy chegamos (CPVC.F11v.25-26)  
 c) quando uijr quiser (FR.2.2.88v)

Os diferentes comportamentos das topicalizações encaixadas podem encontrar uma explicação se forem analisados como resultantes de diferentes processos de fronteamento, envolvendo diferentes núcleos de projeções funcionais. Apresenta-se a hipótese de que topicalização V2 envolve sempre o nódulo CP e que topicalização em sentenças adverbiais e relativas pode envolver a posição FP disponível para hospedar elementos enfáticos.

#### 4.1. Tipos de encaixamento no PA

##### 4.1.1 As encaixadas com TOP e as completivas CP

Estruturas de recomplementação são muito freqüentes no PA. Em alguns casos, a recomplementação é bem evidenciada pelo uso dos dois elementos introdutores de sentença completiva que, como em:

- (26) a) teemos por ben que todos os bispos e outra clerizya que den dereytamente os dizimos de todos seus bẽes e de todos seus herdamentos (FR.1.5.76r)  
 b) deffendemus firmemẽte que daqui adeante que nenhuu seya ousado de coller nẽ de midir ome pan (FR.1.5.76r)  
 c) E pero non he pera creer -diz San Gregorio -que o bõõ logar a que o ja levarom que o perdesse (DSG.1.29.23)  
 d) mandou-lhi dizer que el que o ia ver (DSG.2.14.4)

Entre as duas realizações de que pode ocorrer uma expressão adverbial (26b), um DP-objeto complexo retomado pelo clítico (26c), um sujeito nominal (26a) ou pronominal (26d). Nestas construções, o pronome complemento está sempre proclítico ao verbo da sentença encaixada, como ocorre em outros tipos de sentenças encaixadas.

O segundo que das estruturas de recomplementação pode ser omitido. O posicionamento dos clíticos, então, é essencialmente idêntico ao das sentenças raízes: clítico pós-verbal (cf. (27)) ou clítico pré-verbal (cf. (28)):

- (27) a) Ja ora podes entender, Pedro, [que [aquelas cousas que Deus ordõu e soube ante que o mundo fosse feito,] [ --- compriron-se pelas orações dos santos homens]] (DSG.1.16.32)  
 b) Ca non he duvida [que [aquele que ante sa morte fez muitas boas obras per que prougesse a Deus, [pela oraçon do seu amigo]] [ --- podia-lhe Deus tanto ben dar]] (DSG.1.29.24)

- (28) a) ca temia o santo bispo [que, [se os homens soubessen aquele que acaecera,] [tanta vãã gloria lhi creceria en seu coração] quanto louvor lhi dessen os homens aa de fora] (DSG.1.17.19)  
 b) mandou aos seus discipolos [que [alguns miragres daqueles que lhi viiam fazer] [non-no dissessen a nengũã ata que ...]] (DSG.1.17.20)

Analizam-se as construções de recomplementação como estruturas com as seguintes representações:

- (29) a) [<sub>CP</sub> que [<sub>TOPP</sub> TOP [<sub>CP</sub> --- que [<sub>AGRC</sub> CL [<sub>AGRS</sub> V ... ]]]]]] (cf. 26)  
 b) [<sub>CP</sub> que [<sub>TOPP</sub> TOP [<sub>CP</sub> X CL-V [<sub>AGRC</sub> t<sub>CL</sub> [<sub>AGRS</sub> t<sub>V</sub> ... ]]]]]] (cf. 28)  
 c) [<sub>CP</sub> que [<sub>TOPP</sub> TOP [<sub>CP</sub> --- V [<sub>AGRC</sub> CL [<sub>AGRS</sub> t<sub>V</sub> ... ]]]]]] (cf. 27)

O constituinte TOPicalizado entre o núcleo C mais alto e a segunda realização de CP ocupa Spec/TOPP. Quando o segundo que é realizado, como em (26), os traços morfológicos em C são realizados por que, e o V[+f] permanece em AGRs, onde finaliza a checagem de seus traços. O posicionamento pré-verbal do clítico é a única forma possível nessas construções. Quando a segunda realização de que é omitida, o V[+f] deve se deslocar para o núcleo C, para licenciar seus traços. Dois tipos de ordenação podem ocorrer: se a posição Spec/C' estiver vazia, AGRc não se desloca para C, e, assim, o clítico permanece pós-verbal, como em (27); se a posição Spec/C' estiver preenchida, como em (28), com, respectivamente, tanta vãã gloria, e non, a próclise ocorre, devido ao deslocamento de AGRc para o núcleo C, onde o verbo já está alojado.

#### 4.1.2 As encaixadas com interpolação

A interpolação é bastante freqüente no PA, sobretudo nas relativas e adverbiais. Alguns exemplos são como (cf. também (13)):

- (30) a) se os leixar non quisesse (CDP.18.22)  
 b) E sse o assy mostrar (FR.1.10.81r)  
 c) O que te ora eu quero contar (DSG.1.5.51)  
 d) Esto, Pedro, que tí eu ora quero contar, (DSG.1.9.7)  
 e) pela graça que lhi Deus ante dera (DSG.1.7.16)  
 f) o don do Spiritu Santo que lhi a el Deus dera (DSG.1.5.57)

Entre o clítico e o verbo, vários tipos de constituintes podem estar interpolados: a negação, sujeitos pronominais ou nominais, ADVs, PPs, formas verbais nominais... Essas são construções com uma única projeção CP e sem realização da projeção TOPP, como representado abaixo:

- (31) a) [<sub>CP</sub> que [<sub>AGRC</sub> CL [<sub>FP</sub> X [<sub>AGRS</sub> (neg)-V ... ]]]] (exemplos em (30 a/b))



PA, apresentando reflexos em encaixadas V2 e encaixadas com recomplementação, as últimas podendo coocorrer com V2. O fronteamento estilístico de elementos enfáticos para Spec/F' é comum em sentenças relativas e adverbias e não envolve o sistema CP.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, M. (1987). *Old French, null subjects, and verb second phenomena*. Tese de Doutorado. Los Angeles, University of California. mimeo.
- BENINCÀ, P. (1995). "Complement clitics in Medieval Romance: the Tobler-Mussafia Law". In: A. Battye & I. Roberts (eds.) *Language Change and Verbal Systems*. N. York, Oxford.
- CARDINALETTI, A. & ROBERTS, I. (1991). Clause structure and X-second. A publicar em W. Chao & G. Harrocks (eds.). *Levels of representation*. Dordrecht, Foris Publications.
- CHOMSKY, N. (1992). *A minimalist program for linguistic theory*. MIT Occasional Papers in Linguistics. Vol. 1. Cambridge, Massachusetts, MIT.
- FERREIRA, J. de A. (1987). *Afonso X. Foro Real*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica. 2v.
- HUBER, J. (1986). *Gramática do português antigo*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- JANSEN, F. (1980). "Developments in the Dutch left-dislocation structures and the verb-second constraint". In: E. C. Traugott, R. Labrum & S. Shepherd (eds.). *Current issues in linguistic theory*, 14:137-149. Amsterdam, John Benjamins.
- KAYNE, R. (1991). "Romance clitics, verb movement and PRO". *Linguistic Inquiry*, 22:647-686.
- LAKA, I. (1991). Negative fronting in Romance: movement to  $\Sigma$ . University of Rochester. mimeo.
- MACCHI, G. (1966). *Crônica de D. Pedro de Fernão Lopes*. Roma, Ateneo.
- MALING, J. (1990). "Inversion in embedded clauses in Modern Icelandic". *Syntax and Semantics*, 24:71-91.
- MATTOS e SILVA, R. V. (1971). *A mais antiga versão portuguesa dos "Quatro livros dos Diálogos de São Gregório"*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 4 vs.
- METTMANN, W. (ed.). (1972). *Afonso X, o Sábio. Cantigas de Santa Maria*. 4 Vols. Coimbra. Acta Universitatis Conimbricensis.
- PEREIRA, S. B. (1964). Vocabulário da Carta de Pero Vaz de Caminha. Rio de Janeiro, INL - NEC.
- RIZZI, L. (1986). "Null objects in Italian and the theory of pro". *Linguistic Inquiry* 17:501-557.
- \_\_\_\_\_. (1990). "Speculations on verb-second". In: J. Mascaró & M. Nespó (eds.)
- \_\_\_\_\_. (1991). "Residual verb second and the Wh criterion". *University of Geneva Technical Reports in Formal and Computational Linguistics*, nº 2.
- ROBERTS, I. (1992a). *Verbs and diachronic syntax*. Dordrecht, Kluwer.
- SALVI, G. (1990). "La sopravvivenza della legge di Wackernagel nei dialetti occidentali della Penisola Iberica". *Medioevo Romanzo*, 15:117-210. Società editrice Il Mulino Bologna.
- SIGURÐSSON, H. Á. (1990). "V1 declaratives and verb raising in Icelandic". *Syntax and Semantics*, 24:41-69. San Diego, Academic Press, INC.
- SPORTICHE, D. (1992). Clitic constructions. UCLA. mimeo.
- VANCE, B. S. (1989). *Null subjects and syntactic change in Medieval French*. Tese de Doutorado. University of Cornell.